

A INVENÇÃO DA ESCOLA A CADA DIA³⁵

Beatriz Elaine Picini Magagna

NILDA Alves e Regina Leite Garcia, organizadoras da obra em apreço, esclarecem na apresentação que ela inclui sete relatos de momentos vividos cotidianamente no espaço escolar, bem como a interação, não só dos profissionais que nela atuam, mas de toda uma gama de personagens que compõem o seu dia-a-dia. As autoras abordam a complexidade das redes que se formam no âmbito do cotidiano escolar e tornam cada dia diferente um do outro. Assinalam como o todo social é ignorado pela visão de um paradigma reducionista. Salientam a unicidade de cada pessoa, que, carregada com suas experiências de vida, leva para a escola suas particularidades, forma com os colegas e alunos a ampliação dessa rede, na qual influímos e da qual recebemos influência.

Criticam as fórmulas prontas, que saem dos gabinetes do MEC e das Secretarias de Educação Estadual ou Municipal, acreditando poder salvar a educação através de teorias e conceitos novos, difundidos por todas as escolas de um Brasil culturalmente diverso, impondo modelos únicos, esquecendo que cada espaço/tempo vibra de maneira distinta. Ressaltam que muitas dessas fórmulas, nas salas de aula, se atualizam ou se extinguem, pois o espaço escolar é o lugar onde a todo momento ocorre “a busca e criação de novas explicações teóricas e de novas soluções para o que acontece entre sujeitos empenhados em ensinar e aprender” (p. 11).

A construção de um mundo melhor torna-se a tônica principal desse trabalho coletivo, cujo objetivo é a preparação de cada educador para captar a essência desse cotidiano. Nesse sentido, as organizadoras entendem que a escola: “é o espaço/tempo da invenção, da surpresa, da complexidade, quer tenhamos olhos para ver, ouvidos para escutar, nariz para cheirar, paladar para degustar, pele para sentir, ou não” (p. 11).

³⁵ ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite – orgs. A invenção da escola a cada dia Rio de Janeiro: DP&A, 2000

Outro ponto que merece destaque é a valorização dos sentidos e de como nossa percepção se torna mais abrangente quando acionados seus mecanismos. Vivenciamos na modernidade o culto à razão, traçando o caminho do pensar racional, deixando de lado as emoções, estagnando nossas sensações e esquecendo que quando nos relacionamos com outras pessoas, ou seja, quando interagimos, estamos abertos às sensações captadas pelos nossos sentidos que interagem com os sentidos de outrem.

Invenção da escola a cada dia nos mostra que é só a partir da leitura coletiva do espaço escolar, que poderemos construir nosso processo de ensinar e aprender, não nos desvinculando do social, e que, mesmo com as políticas públicas impostas, os vários depoimentos dos colegas, provam que alternativas são criadas e recriadas a cada momento no cotidiano escolar. Revela-se positiva a não culpabilidade dos professores pelo fracasso escolar, chamando-nos a atenção para a complexidade da escola e da subjetividade do ser humano.

A proposta do livro é trabalhar nossa percepção para fazermos com que “se reeduque nossa capacidade de ver, ouvir, sentir as idéias e ações produzidas no espaço/tempo do cotidiano da escola e da sala de aula, com suas lógicas e no seu ritmo próprio” (p. 17), levando-nos à arte de pensar, cuja proposta reside na “prácticateoria-prática” inseparáveis, pois são “religadas como sempre estiveram, no viver cotidiano. Não mais se pode isolar o sujeito do objeto, ou dicotomizar o mundo, ou encontrar salvação no futuro, no isolamento das grades ou dos laboratórios, ou no olhar estratégico, perspectiva herdada da modernidade” (p. 18).

O referencial teórico da obra é a pós-modernidade, que, ultrapassando as barreiras do conhecimento pré-definido, ressalta a importância do ser humano no despertar de suas potencialidades, para que consiga ver além do que está posto. Fazendo uma leitura da modernidade, as organizadoras ressaltam os sonhos não cumpridos, onde os poderosos acabaram por transformar os ideais iluministas num jogo de manipulação e dominação, criadores que são de uma história desigual, pautadas no ideal da construção de um mundo melhor para todos. Elas salientam que:

Nossa luta é para que das ilhas de estabilidade possamos construir uma nova forma de vida neste planeta em que alguns vivem e outros apenas sobrevivem, pautada pelo profundo sentimento de compaixão, que supera o sentimento individual que se dirige apenas a um outro que se abre para o mais amplo sentimento de paixão pela humanidade (p. 19).

A *Invenção da escola a cada dia* permite vislumbrar, através das ricas experiências relatadas, que é possível educar/aprender com prazer, bem como nos induz à refletir, sobre as tensões por que passa a educação presa que está a fórmulas prontas. Os textos que compõem a obra são frutos de várias histórias reais que dão retorno da “prácticateoriaprática” de seus movimentos e sentidos:

O Ponto Cego e a Invenção da Realidade, de Jerônimo Marques de Jesus Filho, cita o olhar do educador, que deve estar focando a totalidade do processo, para compreender a situação em particular, não criando um “ponto cego” em nossa leitura. O mundo é percebido a partir da linguagem e da complexidade de todas as relações sociais que se passam na escola, fazendo parte de um processo e não apenas de um objeto. Ressalta ainda que as relações de poder são complexas, assim como toda relação social, dada a complexidade própria do ser humano.

Utilizando a Linguagem Cinematográfica para Compreender o Cotidiano Escolar, de Márcia Medeiros de Souza, aborda a correspondência entre os sentidos e o modo como a vida desafia nossas percepções. Com uma câmera cinematográfica imaginária, autora amplia e diminui seu foco, tendo condições de observar sob diversos ângulos um mesmo momento, o que lhe permite enxergar o processo ensino/aprendizagem de outro modo, mais emocionante e não departamentalizado, onde cada um tem seu papel predeterminado e, portanto, não sujeito a mudanças. Cita a riqueza que conquistamos através dessa leitura, e defende que se quisermos ampliar o quadro congelado (pause) do saber humano, não podemos separar o ser humano da natureza. Relata uma experiência em sala, onde os alunos/alunas foram instigados a levantar hipóteses e concluir “que todo conhecimento é contextual e de que as verdades são sempre relativas. Desse modo, qualquer conceito ou verdade científica da atualidade poderiam ser revistos, transformados e até negados no futuro”. Adverte a professora, ao final do texto: “em ciência nada é. Devemos sempre dizer – por enquanto” (p. 43).

Os Movimentos provocam Movimento, de Rejany Dominick, descreve a importância de movimentos que se criam fora do espaço escolar e de sua influência: a) grêmios estudantis que provocam tensões, mudanças e questionamentos, com os preconceitos que se estabelecem, a partir do momento que alunos/alunas tornam-se “agentes políticos e sociais”, e como “lidar com essa contradição tem sido uma árdua tarefa para alunos e professores que buscam construir o novo onde o velho resiste com armas poderosas” (p. 52); e b) a criação de estereótipos das professoras, que são preconcebidos no cotidiano como as “Marias (disciplinadas e disciplinadoras) e Evas (pecadoras, tumultuam)” (p. 60), e como “o enquadramento é uma forma de criar mecanismos para coibir a expressão dos sujeitos criando barreiras, no caso, para que as mulheres não participem da vida pública e nem construam sua individualidade” (p. 63).

Saberes de Alunos e Alunas do Ensino Regular Noturno: Questão para a Escola?, de Eleonora Barrêto Taveira, faz um relato sobre a época em que trabalhou como Orientadora Educacional, numa escola noturna, refletindo sobre seu cotidiano e com observações sobre os temas contidos no currículo oficial que não abordam o cotidiano escolar. Mostra-nos a dicotomia existente entre “o currículo oficial (cultura aceita que exclui a popular, legitimando a dominação) (p. 70) e o currículo real (tradição de cada um, saber incorporado de forma oculta do planejado)” (p. 71), o que acaba por gerar uma grande distância entre o que a escola cria e o que o aluno constrói.

Formação de Leitores e Modos de Leitura dos Profissionais da Secretaria Municipal de Angra dos Reis, de Virgínia de Oliveira Silva, é uma pesquisa feita na cidade em questão, sobre um mecanismo utilizado para o estímulo da leitura, iniciativa premiada em terceiro lugar no Projeto Biblioteca, em 1998. A análise dos depoimentos e dos processos permite concluir que “o modo como a leitura se realiza concretamente também é condicionado, assim como o próprio ato da leitura, pelas questões espaço/temporais, pela subjetividade do leitor e pelos fatores socio-econômicos e culturais” (p. 103).

A Prática de Reuniões Dialógicas como Maneira de Ação dentro de um Processo Pedagógico, de Simone da Hora Macedo, é a narrativa de uma experiência desenvolvida nas aulas de desenho técnico básico. A autora propôs a implantação de uma didática participativa: no decorrer de todo o processo ocorreram interrupções para a discussão das técnicas apresentadas e para a construção do objeto em isopor (ao invés

do uso da prancheta) com pintura das faces em cores diferentes. O objetivo era construir o conhecimento sobre o objeto, facilitando sua compreensão e tornando as aulas mais agradáveis, segundo testemunho dos alunos. As aulas acabaram por adquirir uma nova dinâmica, propiciando a construção do conhecimento através da observação do concreto no texto.

Trajatória não-docente de Vigilante a Professor – de Vigilante e Professor a Educador, de Carlos Augusto Alves Duarte, traz o depoimento de um ex-vigilante escolar, hoje pedagogo, que mostra a importância do trabalho dos não-docentes da escola – inspetores, vigilantes, pessoal administrativo –, e como essa equipe colabora no processo de formação, criando um tensionamento entre conhecimento legítimo e o ilegítimo. Ressalta que as funções não-docentes foram criadas para dar suporte ao trabalho pedagógico e, portanto, não podem e nem devem estar separadas. É uma experiência que emociona, pela paixão contida em sua narrativa.

A contribuição das organizadoras por meio dos relatos que compõem a obra demonstra que é possível enxergar o aluno como ser único e irrepetível e, portanto, como alguém que deve ser considerado em sua heterogeneidade, respeitando as contribuições que traz para a sala de aula. O processo de educar/preparar o ser humano para a vida não pode ficar restrito ou condicionado a fórmulas prontas, tem de realmente provocar movimento. Assim como o mar e as águas dos rios, que em constante movimento levam à vida e que em seu caminhar provocam a transformação de seus leitos e o revigoreamento das plantas que os margeiam, como educadores devemos estar em constante movimento, na busca de uma prática educacional mais criativa e pertinente.

Possibilitando ao leitor “momentos” reflexivos e mostrando o “movimento” de práticas educacionais efetivas, o livro é proveitoso e recomendado.